



UMA LEITURA DO SOCIAL DA OBRA ‘O MEU PÉ DE LARANJA LIMA’ DE JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS¹

Edinéia Duarte da Silva Freitas*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é abordar os aspectos sociais da obra **O Meu Pé de Laranja Lima**, realçando alguns pontos relacionados à violência vivida por Zezé, o protagonista da obra. Apesar de considerada uma das obras infanto-juvenis brasileiras mais conhecidas, atingindo grande sucesso editorial no Brasil, sendo publicada em vários países, observa-se que são raros, os estudos desenvolvidos sobre esta importante obra de José Mauro de Vasconcelos. Espera-se através deste estudo bibliográfico, contribuir para as pesquisas na área de linguagem. A pesquisa fundamenta-se em áreas de pesquisa como: A psicanálise dos contos de fadas, Literatura e Sociedade.

Palavras-chave: Letras. Literatura. Violência Familiar. Infância. Regina Zilberman.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa desenvolveu-se baseada na obra **O Meu Pé de Laranja Lima**, escrita em 1968, que foi um grande sucesso do escritor José Mauro de Vasconcelos, obra esta que conquistou leitores de todos os cantos do Brasil de tal forma que, em 1970, o diretor Aurélio Teixeira adaptou a obra para o cinema.

Tendo empreendido muitas viagens pelo Brasil e se dedicando às mais variadas ocupações, José Mauro de Vasconcelos aprendeu sobre a vida através de sua própria experiência e adquiriu uma maturidade que lhe permitiu escrever uma vasta obra. Possivelmente o que comove a todos aqueles que leem a obra é o fato de que esta se baseia na

¹ Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2010, sob a orientação da Ma. Helenice Joviano Roque de Faria.

* Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2010. Cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

infância do autor, pois expressa de um modo realista, sua infância e a situação familiar na qual o autor estava inserido.

A violência é uma espécie de coação, ou forma de constrangimento, posto em prática para vencer a capacidade de resistência de outrem, seja para demovê-la à execução de ato, ou a levar a executá-lo, mesmo contra a sua vontade, podendo esta ser material ou moral. Entretanto, em se tratando de violência contra a criança ou adolescente, há que se reconhecer que a estrutura psicológica do ser é extremamente afetada, acarretando consequências desastrosas para a vida da vítima, o que geralmente a acompanha ao longo da vida.

2 A OBRA

Como já evidenciamos, **O Meu pé de Laranja Lima** é uma obra que narra a vida de um menino pobre, vivendo na periferia carioca, no bairro de Bangu (anos 20), que passa por inúmeras desventuras, mas que vive a ternura da fantasia através de suas fugas da realidade, de uma realidade dura e incontestável.

Zezé, o personagem protagonista, vive em uma família desestruturada: o pai encontra-se desempregado e a mãe trabalha incessantemente para mantê-los, recebendo um salário miserável da fábrica onde era empregada. Seu maior sonho era ganhar um presente no dia de Natal, porém este afirmava que o menino Jesus, nunca nascia para ele, só para as crianças mais ricas. Em uma determinada véspera de Natal, resolve ir com seu irmão menor até o centro da cidade, onde soube que distribuiriam brinquedos para as crianças pobres, mas chegou muito tarde e o caminhão dos presentes já havia passado. Sua decepção foi imensa, disse que para ele era o ‘menino diabo’ que havia nascido naquele Natal. Culpou seu pai por não ter dinheiro e não proporcionar um natal decente para família, que inclusive não teve nem ceia, devido à imensa pobreza, mas tentou se mostrar-se conformado na frente de Luís, presenteando-o com um cavaleiro de pau velho, que havia reformado, para consolo do mais novo e preferido irmão de Zezé, a quem chamava de rei Luís.

Diante do estado de total miséria da família, Zezé, incompreendido pelos adultos por ser um menino travesso, fora dos padrões exigidos pela sociedade, cria um mundo de fantasia, onde se refugia dos problemas cotidianos e da brutalidade com que os adultos o tratam. Este mundo compõe-se de seu quintal e animais da casa, lugar onde o protagonista leva seu irmão menor, Luís, a experimentar as fantasias do universo infantil.

Pelas dificuldades financeiras, a família se vê obrigada a mudar de casa. Zezé encontra também no quintal da nova casa, um pequeno pé de laranja lima que, logo após a mudança, é

a única árvore que havia sobrado para ele. E, inesperadamente, o pé de laranja lima, manifesta-se falando com o menino. Tal árvore ganha o nome de Minguinho, tornando-se grande amigo e confidente de Zezé.

Mas Minguinho não só acalenta sua dor de criança sofrida e incompreendida, como também, aconselha-o a não ser tão “endiabrado” e a compreender melhor os adultos.

O único adulto que entende o menino, e com quem este trava um forte elo de amizade sincera, é o português Manuel Valadares, chamado carinhosamente de Portuga, por Zezé. Um homem rico, solitário, que vê no menino um filho que nunca teve. Leva-o para passear, pescar, chupar sorvete, enfim, fazer coisas que Zezé sempre sonhou em realizar com seu pai, passando o amigo a representar uma imagem de pai. Tal elo foi rompido bruscamente, com a morte inesperada de Manuel Valadares ao atravessar com seu carro a linha do trem Mangaratiba. Este acontecimento mergulhou o menino em profunda depressão, tornando-se ainda mais intensa com o corte de seu pé de laranja lima, seu outro fiel e eterno amigo, devido ao fato de que aquele local abrigaria futuramente uma rua, forçando a prefeitura ao corte da árvore.

O fato marcou, simbolicamente, a mudança da infância para uma vida precocemente adulta do menino, o fim de suas fantasias, devaneios, ilusões e esperança de uma vida melhor do que aquela, de um menino que sofreu com a falta de estrutura financeira e psicológica da família que, entre travessuras e terríveis surras, padeceu, segundo o próprio Zezé, como nenhuma criança poderia padecer.

O pequeno Zezé é um menino que com seis anos de idade que experimenta a violência física dos pais e dos irmãos mais velhos e que sofre com as dificuldades socioeconômicas da sua família. Mesmo experimentando a dor, Zezé vive intensamente a sua condição infantil inventando, no quintal da sua casa, um mundo de onde se é possível viajar para vários lugares do mundo, passando pelo zoológico ou por uma tribo indígena, sempre acompanhado do seu irmão menor, o Rei Luís. Neste quintal, Zezé adota uma árvore um pé de laranja lima, que passa a ser o seu confidente, alguém capaz de escutá-lo e compreender sua fragilidade de criança.

E é ao seu pé de laranja lima que Zezé conta os segredos de uma nova vida que vai descobrindo com o seu amigo Portuga, o único adulto da história capaz de ensinar ao Zezé a possibilidade da ternura. A obra de José Mauro de Vasconcelos, que pode ser caracterizada como um documentário social e um estudo psicológico, nos coloca em contato com um mundo infantil marcado pela violência doméstica enquadrada por dificuldades econômico-

sociais decorrentes de uma sociedade brutalmente desigual onde o seu personagem principal não parece gozar de direitos infantis tão fundamentais como carinho e a proteção

O Autor explora ao máximo na obra o lado ‘bom diabinho’ de Zezé e de maneiras diferentes. Em primeiro lugar exime o menino da culpa de suas travessuras atribuindo a uma força exterior incontornável, o diabo que o tenta e o vence, porque toda a criança é fraca por natureza. “Até bem pouco tempo ninguém me batia, mas depois descobriram as coisas e vivem dizendo que eu era o cão, que eu era o capeta, gato ruço de pelo mau” (VASCONCELOS, 1980, p.11).

3 LITERATURA

Do grego, o termo literatura é encontrado nas principais línguas latinas². Até o século XVIII, interpretado como ciência geral e como cultura dos homens de letras. Naquele tempo o que hoje denominamos literatura recebia o nome de belas letras. A partir do século XVIII, a palavra literatura passa a designar a atividade do homem letrado e a produção resultante dela. Ao final deste século, passa também a indicar o conjunto das obras literárias e, portanto, um objeto que se pode estudar.

Inicialmente, não havia uma distinção entre Literatura para crianças e Literatura para adultos. Toda a produção cultural era transmitida oralmente e utilizada para entretenimento de pessoas de todas as idades. Quando surgiu, na Grécia, a literatura não tinha esse nome e chamava-se Poesia. Era utilizada para a diversão da nobreza.

A ação de heróis e mais tarde dos santos e outras personagens que deveriam ser utilizadas como modelos serviam, de forma educativa, para nortear as ações dos jovens e crianças, tanto nos relacionamentos interpessoais quanto nos padrões de atitudes sociais.

Segundo Nelly Novaes Coelho (2000), definir de modo unívoco, literatura infantil ou literatura de forma geral é definitivamente impossível, pois para ela, a literatura expressa experiências humanas e tais experiências mudam de acordo com o momento histórico, social, político, tanto de maneira individual como coletiva de conceber tal ideia.

4 A LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil surgiu dentro do contexto da revolução da burguesia, quando esta procurava consolidar a instituição da família nuclear, que melhor se prestava a seus objetivos

² Literatura em Português e Espanhol; *Litterature* (Francês); *Letteratura* (Italiano); *Literature* (Inglês)

de fraturar o poder da família extensa que imperava no feudalismo. Os papéis foram distribuídos: o pai seria o provedor, a mãe a gerente do núcleo familiar e, para validar seus esforços, surgiu a criança. Para esta forma de grupo social, surgiu a ideia de infância: crianças eram seres em formação.

Para as crianças, surgiram bens de consumo, como brinquedos e livros. Também as ciências começaram a especializar-se para atender a este novo público: pediatria, pedagogia e psicologia infantil.

A criança assume seu papel na sociedade, que é servir como alvo de atenção dos adultos, mas não tem papel político ou poder de reivindicação, ou seja, sua voz é reprimida em nome de sua “fragilidade”, sua “desproteção” (verificar) ou “dependência” dos adultos. (ZILBERMAN; LAJOLO, 2003 p. 14).

A segunda instituição reforçada para servir aos propósitos da burguesia é a escola, que se torna papel obrigatório às crianças, uma vez que estão totalmente “despreparadas” para o mundo e, por isso, precisam ser equipadas para viver nele. Com a industrialização em geral, e o surgimento das tipografias, a produção de livros para crianças passou a ser quase como uma consequência e auxílio ao papel da escola. Conforme afirmam as autoras Regina Zilberman e Marisa Lajolo (2003, p. 18):

[...] porque a literatura infantil trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade de leitura das crianças, ou seja, supõe terem estas passado pelo crivo da escola. Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem sabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação.

A função social da literatura é de facilitar ao leitor infantil ou não, compreender e assim emancipar-se dos dogmas impostos pela sociedade, isto se torna possível pela reflexão crítica é pelos questionamentos proporcionados pela leitura. Se a sociedade busca a formação de um novo homem, mais crítico e participativo terá que se concentrar na infância para atingir esses objetivos.

Das instituições que assumem o papel de mediadora, a escola é a que apresenta maior visibilidade quanto ao desenvolvimento dessa função, uma vez que é o único espaço para a maioria da população brasileira de acesso à leitura, sobretudo, a literária. Em vista disso, a constituição do horizonte de leitura do leitor infantil no Brasil é moldada a partir do ambiente escolar. Assim, a relação estabelecida entre literatura, escola e classe social pode ser também

compreendida a partir da análise do modo como as crianças constroem a personagem ao reproduzirem textos literários conhecidos.

Devido a isso, a literatura tornou-se, uma aliada da pedagogia, informando e formando este ser em estado de crescimento educacional, social e psicológico, a escola apresenta aos alunos autores e obras, análises de textos no sentido da emissão de juízos. Com isso, ela busca transformar os leitores em conhecedores de literatura. Porém, tal atitude não funciona, pois não transforma o aluno em conhecedor da literatura, tampouco converte um aluno em leitor, uma vez que o conhecimento de fatos literários áridos não estimula o interesse pela leitura.

5 A VIOLÊNCIA

Na obra o personagem Zezé sofria com as atitudes de seu pai que, deprimido por não arrumar emprego, costumava espancá-lo ao menor sinal de desobediência. Os espancamentos eram tão violentos que muitas vezes deixavam o garoto de cama.

As agressões vividas por Zezé repetem-se diariamente em nossa sociedade e, muitas vezes é ignorada, ou considerada uma atitude normal. Cada vez que uma criança é agredida física ou psicologicamente, as agressões e castigos corporais ou não, deixam uma série de marcas semelhantes às deixadas em Zezé, dentre elas, grandes mudanças no convívio social. Mas, com certeza, o maior dano causado à criança, vítima de violência, é a destruição do ‘outro mundo’ o da fantasia.

Constantemente vemos na mídia que castigos corporais impetrados por pais, mães, professores, policiais, guardiões e outros responsáveis ainda são comuns, e a ira destes responsáveis muitas vezes não conhece limites. Crianças e adolescentes apresentam sinais físicos como manchas roxas espalhadas pelo corpo, queimaduras e até ossos quebrados e em alguns casos até a morte.

Podemos encontrar a história de Zezé sendo vivida, também, em países desenvolvidos e em famílias de diversos níveis sociais, o que demonstra que a violência doméstica contra as crianças não está atrelada aos infortúnios causados pela pobreza ou pela desestruturação familiar. Os sofrimentos impostos às crianças são os mesmos em quase todo o mundo, porque é a mesma humanidade adulta que os produz e dissemina.

A sociedade atribui papéis bem delineados aos adultos em relação às crianças. Os conflitos se travam na medida em que esses papéis são invertidos e traem o modelo original. Um dos principais fatores que tocam os leitores desta obra é justamente a figura da mãe, moldada para simbolizar o carinho, afeto e proteção dos filhos, e, no entanto, nos deparamos

com uma mulher embrutecida pela miséria e levada a se ausentar de casa e dos filhos todos os dias. “[...] falava com uma voz cansada. E eu estava com muita pena dela. Mamãe nasceu trabalhando. Desde os seis anos de idade quando fizeram a fábrica que puseram ela trabalhando”. (VASCONCELOS, 1980, p. 31).

Enquanto Zezé sofre com a violência familiar, conhece a ternura e a proteção em através de um português com aproximadamente 60 anos.

A violência tem sido um assunto constante na modernidade. Os trabalhos das pesquisadoras: Maria Amélia Azevedo³ e Viviane Nogueira de Azevedo Guerra⁴ nos servem de base para o desenvolvimento da temática.

[...] a violência doméstica diz respeito a todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis, contra uma criança ou adolescente, que, sendo capaz de causar dano físico, sexual ou psicológico implica, de um lado, numa transgressão do poder e dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é: numa negação do direito que criança e adolescente têm, de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (AZEVEDO; GUERRA, 2002, p.12).

Um leitor atual de **O Meu pé de laranja lima** também verá os aspectos sociais de pobreza sendo repetidos e alguns efeitos sentido. Porém, verá que a pobreza e a necessidade da época têm um ar de melancolia e até mesmo de romantismo. Por outro lado, embora haja esse romantismo, a denúncia social é patente.

- Você que quer saber tudo não desconfiou o drama que vai lá em casa. Papai está desempregado, não está? Ele faz mais de seis meses que brigou com Mister Scottfield e puseram ele na rua. Você não viu que Lalá começou a trabalhar na fábrica? Não sabe que mamãe vai trabalhar na cidade, no Moinho Inglês? Pois bem, seu bobo. Tudo isso é para juntar um dinheiro e pagar o aluguel dessa nova casa. A outra, papai já está devendo bem oito meses. Você é muito criança para saber dessas coisas tristes. Mas vou ter que acabar ajudando missa para ajudar em casa (VASCONCELOS, 1980, p.16).

6 CONCLUSÃO

A pobreza apresentada na obra, porém, diferencia-se um pouco da pobreza vista atualmente na periferia das megalópoles do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro. Com um grande índice de violência, o tráfico de drogas, entre outros fatores, tingem com tintas escuras a infância quem vive nestes locais. Alguns meninos de infância miserável vivem com pais problemáticos, desempregados, bêbados. As estruturas familiares mudaram muito no decorrer

³ Psicóloga, professora da Universidade de São Paulo - USP e coordenadora do LACRI Laboratório de estudos da criança.

⁴ Assistente social, pesquisadora do LACRI, - Universidade de São Paulo - USP.

do tempo: divórcios, novos casamentos e mães solteiras modificaram o quadro familiar nacional e mundial. A maioria das crianças pobres, como a personagem, possuem pais com uma relação de união estável conjugal, alguns destes pais não têm coração bom, nem são sinceros, ou não possuem boas intenções, como o Portuga, pois, podem ser, aliciadores de menores, traficantes, bandidos.

Não se espera a perda brusca de todos os bens emocionais mais preciosos para Zezé, o que ocasiona uma necessidade de crescimento imediato. O leitor é levado a imaginar que tudo existirá para reforço de uma infância que agora prometia ser feliz:

Minguinho, agora a gente vai viver sempre perto um do outro. Vou enfeitar você de tão bonito que nenhuma árvore pode chegar a seus pés. Sabe, Minguinho, eu viajei agora numa carroça tão grande e macia que parecia uma diligência daquelas das fitas de cinema. Olhe, tudo que eu souber, venho contar a você, tá? (VASCONCELOS, 1980, p. 62-63).

O fator de identificação dos efeitos de sentido contido na obra é grande evidência da figura do herói. O leitor não é mais um mero receptor inativo da obra: ele passa a construí-la juntamente com o autor, através da transferência de sua consciência ao herói.

A READING OF THE SOCIAL WORK OF 'O MEU PÉ DELARANJA LIMA' BY JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

ABSTRACT⁵

The objective of this paper is to approach the social aspects of work **O Meu Pé de Laranja Lima**, highlighting some points related to the violence experienced by Zeze, the protagonist of the work. Despite considered one of the works infantile-juvenile Brazilian more known, achieving great success publishing in Brazil, being published in several countries, it is observed that are rare the research developed about the important of work of José Mauro de Vasconcelos. It is hoped through this bibliographic study, to contribute to research in the language area. The research is based in research areas such as: psychoanalysis of fairy tales, literature and society.

Keywords: Languages. Literature. Family violence. Childhood. Regina Zilberman.

⁵ Transcrição realizada pelo aluna Edineia Duarte da Silva Freitas, do Curso de Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa e revisão pela professora Catichilene Gomes de Sousa (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane N. de Almeida. **Telecurso de especialização sobre a violência doméstica contra a criança e o adolescente**. São Paulo: LACRI/USP, 2002.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CÂNDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, Antônio Carlos Ribeiro et AL (Org.). **Direitos humanos e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.107-126.
- FARIA, Maria Alice. **Narrativas juvenis: modos de ler**. Assis: Arte & Ciência/ Núcleo Editorial Proleitura, 1997.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: histórias e histórias**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- VASCONCELOS, José Mauro de. **O Meu Pé de Laranja Lima**. 100. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.
- _____; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.